

O estrangeiro – Albert Camus – maio/junho/2024

Linair Moura

Albert Camus foi um franco-argelino (7/11/1913 - 4/01/1960). Segundo páginas consultadas na Web, foi escritor, romancista, dramaturgo, filósofo, ensaísta. Sua obra está situada no pós-guerra, e representa uma corrente humanista que ressalta o absurdo da condição humana em meio às contradições morais da sociedade.

Tive que ter a paciência de 100 páginas para dar um sentido ao livro. Até ali, o que chamava a atenção era o modo de ser e agir da personagem principal. Um tipo que não tem opinião, que não faz escolhas e que não ama. Um tipo que passa pela vida levado pela vontade dos outros, sem desejo próprio. Um estrangeiro do mundo. Se Meursault fosse nosso contemporâneo, talvez ganhasse um laudo, ou uma pecha, devido a suas características antissociais.

Seus pensamentos estavam sempre devaneando para longe do que se passava e suas respostas eram vazias e resumidas, apenas fechavam o diálogo com seus interlocutores, com total indiferença. Parece que só lhe causava alguma satisfação ou manifestação própria o que lhe vinha pelos sentidos, a água do mar que toca o corpo, o calor, a visão da praia pelas grades da prisão, a fome, as próprias dores, o hábito de fumar, os suores, os ruídos do elétrico.

É um eu para si mesmo, que não se dobra para responder ao outro, que não adere às normas sociais. Age como se seus atos não tivessem um reflexo no meio em que vive, sem se importar com os sentidos e significados que estes recebem por quem os assiste ou deles participa.

Meursault não amava, não sabia o verdadeiro significado da afeição que Maria lhe devotava e tinha a sorte de ela contentar-se com as migalhas que ele lhe dava. Participou indiferente do evento de agressão à mulher moura sem exprimir qualquer aversão, crítica ou julgamento. Ouviu Raimundo arquitetar um plano macabro contra sua amante e não exprimiu reprovação, pelo contrário consentiu em colaborar. Participou do enterro da mãe de modo insofrito, apático. Diante do iminente ataque do árabe, o que lhe incomodava era o ar quente que vinha do mar. Estava sempre alheio aos fatos nos quais estava envolvido.

Porém, quando começou o julgamento, encontrei a emenda bem costurada do enredo, em que a narrativa das primeiras partes, que não me atraíam, encontrou o encaixe perfeito nas preleções do tribunal, onde os focos colocados pelo promotor, advogados e juiz valeram-se do passado pregresso de Meursault para a construção das teses de defesa e acusação.

Nesse contexto, ficou patente o confronto entre o eu e a sociedade, suas regras e o engajamento de seus membros, ressaltando o que se espera de cada um deles. Uma sociedade que condena e pune aqueles que não se enquadram. Para o tribunal, a morte do árabe tornou-se secundária à apatia social de Meursault. Parece que Meursault precisava ser condenado, se não pela morte do árabe, porque talvez o árabe também não tivesse valor no quadro social e político que se configurava, pelo comportamento diverso que serviu de razão para a definição de sua pena.

Para além do confronto entre o eu e a sociedade, a obra de Camus apresenta um Meursault que usa da sua liberdade para não se alinhar às exigências que, para ele, não faziam sentido, mesmo com todo o custo pessoal a ser pago. Isto traduz o absurdo da condição humana, que, não encontrando sentido na existência, pode ainda, como um último recurso, diferenciar-se de seus ditames. Não se sabe se são escolhas de Meursault ou se ele apenas se deixa levar pela corrente dos acontecimentos, numa revolta apática que, ao tempo em que denuncia a inexistência de sentido na vida, ausenta-se como forma de insurgir-se contra ela.

Talvez a condenação de Meursault seja a expressão máxima dessa liberdade, pois representa o reconhecimento social de sua negativa em se submeter aos padrões esperados, nos quais ele não vê sentido.

Meursault não se revela subjetivamente, ou, mais que isso, não constrói uma subjetividade esperada, com marcos sociais e coletivamente estabelecidos. Ele é, como o título deixa claro, um estrangeiro é, também, um estranho que, sendo o personagem narrador, não é responsivo com o leitor, apenas o deixa perplexo.